

# O jumbo sai, garante o

O embaixador Diego Asencio diz que o dia do fechamento não tem impor-

"O empréstimo-jumbo para o Brasil vai sair mesmo, e a expectativa de que possa ser fechado terça ou quinta-feira não tem importância mais." A afirmação foi feita ontem em Brasília pelo embaixador dos Estados Unidos, Diego Asencio. Ao mesmo tempo, os ministros Delfim Neto e Ernane Galvães preparam-se para nova viagem aos EUA.

Delfim deverá embarcar amanhã à noite, para iniciar segunda-feira em Washington uma série de contatos com o Banco Mundial, o Banco Interamericano de Desenvolvimento, Fundo Monetário Internacional e Departamento do Tesouro. Galvães deverá seguir viagem no domingo, dia 22.

O objetivo é arranjar dinheiro para continuar rolando uma dívida cada vez maior. No entanto, as autoridades e seus assessores estrangeiros esbarram em crescentes dificuldades para prosseguir no atual esquema de rolagem, que exclui uma ampla renegociação de juros e prazos. A assinatura do jumbo de US\$ 6,5 bilhões, por exemplo, vem sofrendo sucessivos adiamentos desde o final do ano passado.

De seu lado, o embaixador dos Estados Unidos está otimista. Para ele, a resistência de vários banqueiros, norte-americanos e de outros países à colocação de mais dinheiro no Brasil é normal: sempre ocorre quando se está chegando "à última gotinha do jumbo", que exige a reunião de todos os fundos".

— Acredito que alguns bancos vão querer esquivar-se de suas responsabilidades, mas tenho grande confiança na habilidade do coordenador do comitê de bancos credores, William Rhodes, que poderá consertar essa situação.

Perguntado por um jornalista se o fato de o governo ter apelado para bancos árabes não significaria falta de credibilidade junto aos grandes bancos, o embaixador disse que não. "Sabe-se que houve um grande herói na literatura e na imprensa, nos Estados Unidos, que há alguns anos foi assaltante de bancos. Perguntado por que assaltava bancos, o homem respondeu: 'É lá que está o tutu'. O caso dos árabes é igual."

O embaixador disse que a situação brasileira preocupa os Estados Unidos, mas elogiou o ministro da Fazenda, Ernane Galvães, afirmando que se trata de uma pessoa

"fascinante, interessante, boa gente e que me trata bem".

## Ingleses e árabes

Bancos Ingleses, tendo à frente o Hill Samuel Co. Ltd., de Londres, estão tentando assegurar a adesão de bancos árabes ao empréstimo-jumbo de US\$ 6,5 bilhões, revelou ontem fonte do governo. Um dos principais banqueiros envolvidos nesta tarefa é Billy Chambers, do Hill Samuel.

Segundo a fonte, os bancos árabes não se comprometeram totalmente com o pacote, por falta de empenho do coordenador escolhido pelo Citibank para o Oriente Médio, o Arab Banking Corporation.

Os banqueiros ingleses desejam o apoio do governo para que a revista *euromoney*, editada em Londres, promova um seminário em setembro, no Rio de Janeiro, sobre a dívida externa do Terceiro Mundo, que já alcança US\$ 700 bilhões, dos quais US\$ 100 bilhões devido pelo Brasil.

## Crédito comercial

O presidente do Banco do Brasil, Osvaldo Colin, confirmou que o governo ainda não conseguiu assegurar os US\$ 2,5 bilhões de linhas de crédito comercial, ao contrário do que asseguraram reiteradamente outras autoridades econômicas.

"O BB fechou o empréstimo de US\$ 1,5 bilhão com o Eximbank (norte-americano), e o Banco Central está continuando a discutir linhas complementares de crédito. O Banco do Brasil está envolvido só com o US\$ 1,5 bilhão", disse Colin, depois de uma audiência com o ministro da Fazenda, Ernane Galvães.

O diretor da Área Internacional do banco, Castro Neiva, previu que em abril os importadores já poderão usar o financiamento do Eximbank, comprando tanto produtos manufaturados como produtos primários. De acordo com informações anteriores, os Estados Unidos só querem vender manufaturados.

Sobre os créditos interbancários para agências de bancos brasileiros no Exterior, Colin disse que totalizarão US\$ 5 bilhões, US\$ 1 bilhão a menos do que a previsão feita pelo ministro Ernane Galvães, no dia anterior.

## E a cruzada de Pastore continua

O presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, reuniu-se ontem, em Nova York, com membros do comitê de bancos credores do Brasil, tentando encontrar novas formas de fechar o empréstimo-jumbo de US\$ 6,5 bilhões, que deverá ser assinado na próxima semana, mas que ainda não está totalmente acertado.

A reunião, na sede do Citibank, avançou pela noite e foi interrompida apenas por alguns contatos telefônicos que Pastore manteve com banqueiros que ainda estão relutando em aderir ao jumbo. As últimas informações são de que o Brasil já conseguiu US\$ 6,35 bilhões; as dificuldades em obter os US\$ 150 milhões que faltam já provocaram diversos adiamentos na assinatura dos contratos do empréstimo. Agora, as fontes oficiais parecem ter desistido de marcar uma data precisa, preferindo dizer que o empréstimo será assinado "na próxima semana", sem precisar o dia.

O presidente do Banco Central continua firme em sua decisão de só assinar os contratos quando o total dos US\$ 6,5 bilhões estiver garantido. Por sua vez, os bancos que investiram mais no empréstimo reafirmaram que não irão aumentar sua participação para ajudar a atingir o teto do jumbo. Cerca de 600 bancos estão envolvidos no empréstimo, e todos eles já emprestaram ao Brasil em outras ocasiões. Mas, agora, estão sendo solicitados a colaborar com uma quantia 11% maior do que da última vez.

Os banqueiros relutantes — cerca de cem — começaram a comprometer-se com o empréstimo nas últimas semanas, como resultado de inúmeros telefonemas que receberam do comitê de bancos credores. Na semana passada, Pastore iniciou pessoalmente sua cruzada em busca dos últimos milhões, mas ainda não conseguiu convencer os mais renitentes.

John Alius, de Nova York

tância. E Galvães e Delfim se preparam para nova viagem aos EUA.

# embaixador dos EUA